

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 5

Vozes na floresta e na Universidade
10/04/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo, ao longo de todo o bloco de Abertura.

Daniela: Oi pessoal, estamos de volta com mais um episódio do Mundaréu. Eu sou a Daniela Manica e essa é minha colega, Soraya Fleischer. Esse *podcast* de Antropologia é fruto de uma parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o LABJOR, da Unicamp, e o Departamento de Antropologia da UnB.

Soraya: Oi, oi! Quero começar lembrando no episódio de hoje que, no Brasil, temos mais de 300 povos de etnias diferentes. São mais de 270 línguas diferentes faladas em solo brasileiro. Mas são poucos os povos que têm suas terras para viver, são poucos que conseguem estudar numa escola bilíngue ou que conseguem eleger um representante parlamentar. Há muito território indígena sendo invadido, desmatado e roubado. Há propostas de, inclusive, autorizar mineração em terra indígena, de questionar a origem daquela comunidade, de desvalorizar e reprimir os seus rituais.

Daniela: Há muita luta por ser feita para que as populações indígenas sejam respeitadas no país. Desde quando a Antropologia Brasileira começou a se desenvolver, lá no começo do século XX, existe a tradição de estudar a vida e os desafios enfrentados por essas populações. Quem estuda a temática indígena compõe uma área que chamamos de Etnologia.

Soraya: Hoje, vamos conhecer uma dessas etnólogas, a Artionka Capiberibe, professora da Unicamp. Ela convidou para a nossa conversa Daniela Patrícia Villegas Barbosa, que vamos aqui chamar só de Patrícia, ela é estudante da etnia Tukano que passou no primeiro vestibular indígena da Unicamp e integra a equipe de pesquisa da Artionka.

Daniela: A conversa começará com as duas na Marcha das Mulheres Indígenas, que aconteceu em maio de 2019 em Brasília. Esse episódio foi gravado em novembro de 2019 no estúdio da Rádio da Unicamp.

BLOCO 1: Conhecendo Patrícia, Artionka e a Marcha das Mulheres Indígenas

[Cantos entoados por diversas mulheres indígenas sobrepostos pelas seguintes sentenças: “Acorda, Brasília, Acorda Brasil”. Em seguida, ouve-se uma voz feminina direto da Marcha das Mulheres Indígenas sentenciar: “Nós, mulheres, somos capazes! É só querer que a gente consegue porque nós chegamos aqui e fizemos barulho aqui em Brasília, e isso que importa”]

Patrícia: Eu subi numa passarela que dava pra ver, e eu vi a caminhada das mulheres, e o quão elas vinham caminhando, cantando, dançando. E aquilo foi super emocionante, eu falei: “Nossa, quão importante é, principalmente, neste momento, né? Das pessoas terem a noção de que ainda no Brasil, por mais que as pessoas digam que os indígenas têm que morar na floresta, ainda têm, que essas pessoas vêm demonstrar de uma maneira diferente que a gente tem a nossa própria identidade, e aquilo da maneira que elas vinham dançando, cantando, é uma forma de se afirmar também, dentro e fora da sociedade”. Então, tinham mulheres não somente aqui do Brasil, tinham um pessoal de outros países também, então, acabei conversando com pessoas de várias, de algumas lideranças de outros países, próprios da América Latina também. E eles falaram que isso era muito importante, não por uma questão governamental, mas uma questão de afirmação mesmo, que as mulheres têm seu protagonismo, sim.

Artionka: Na marcha, eu não subi numa plataforma igual a Patrícia, eu fiz uma outra coisa, eu andei na direção contrária, né. E aí, andando na direção contrária, é impressionante assim, se tivesse sem enxergar, seria assim uma outra sensação, seria uma sensação muito forte, porque você vai atravessando sons, sonoridades diferentes, é ... corpos diferentes que se movimentam de maneira diferente, né, que cantam coisas muito diferentes, mas todo mundo um pouco, ao mesmo tempo, ninguém se sobrepõe. E aí é muito bonito assim, é muito forte, na verdade. Muito forte. Cada fileira que passa cantando e falando na sua própria língua, e movimentando seu corpo, ela tá passando uma mensagem, e uma mensagem diferente, mas que ao mesmo tempo é conjunta. Isso que é lindo, assim, e que é forte, né. É impressionante. É muito diferente das manifestações não indígenas, né, bastante diferente assim. Não são gritos de guerra, e que são feitos como jogral. São cantos, são cantos que tão falando de coisas que a gente não consegue alcançar, mas tem ideia do que transmitem, né.

Patrícia: Ah, então, a Marcha das Mulheres foi exatamente isso que a professora Artionka acabou de falar, né. E esse ano de 2019 pude acompanhar tanto a ATL, como a Marcha das Mulheres, então, a gente acabou acompanhando de uma forma, eu mesma estando no movimento há bastante tempo, mas pela primeira vez em Brasília, então, acompanhar principalmente neste momento, neste contexto político, foi muito importante. E, principalmente, a juventude que teve tanto no ATL como na Marcha das Mulheres, então, a gente discutia muito em questão de comunicação também, a comunicação indígena a partir de que momento ela é importante, e como que ela pode chegar nessas comunidades, né. Eu que sou do Rio Negro, lá tem 23 povos indígenas, mais de 18 línguas, então, é bem difícil da gente se comunicar só de uma língua. Então, a gente acaba fazendo uns podcasts em uma língua, outro em outra língua, então a gente vai indo pra gente se comunicar de uma maneira bem ativa. Então, como eu faço parte da Rede Aïuri, que é juntamente com o Copiô Parente, e a gente vê essa perspectiva.

[Trecho do *podcast* produzido pelo Instituto Socioambiental “Copiô, Parente?”, publicado no dia 28 de março de 2019. Nesse trecho, é dito o seguinte, na voz de Letícia Leite, apresentadora do

podcast: “Os destaques de Brasília na vida dos índios e dos povos da floresta, informação do ISA (Instituto Socioambiental)”. Depois, outra voz, “Olá, todos ouvintes do Copiô, Parente? Aqui quem tá falando é Dinamá Tuxá. Eu quero aqui externar para vocês um pouco do ocorrido na reunião com o ministro Mandetta, do Ministério da Saúde. Apontamos a ele de forma muito clara que a SESAI precisa sim ser melhorada, precisa sim ser revista em alguns pontos, mas a extinção não era a solução”.

Soraya: O colega Dinamá Tuxá, que ouvimos nesse trecho de outro podcast, o *Copiô Parente*, deu o contexto do desmonte do SUS Indígena, ao relatar sobre uma reunião que aconteceu com o Ministro da Saúde em março de 2019. Artionka, logo depois desse momento de retirada de direitos aos povos indígenas, no mês de maio, durante a Marcha das Mulheres Indígenas, nos contou como o problema continuava...

Artionka: A Marcha das Mulheres Indígenas foi... durou três dias, né. [No fundo, Patrícia confirma que “sim”]. Foram três dias. Em cada um dos dias, foram feitas atividades diferentes, né. No segundo dia, a atividade foi ocupar o prédio onde fica a Secretaria de Saúde Indígena, a SESAI. E aí foi o dia inteiro de ocupação né, as mulheres chegaram, entraram no prédio com toda força, ocuparam vários andares, né, ocuparam o pátio tem um pátio enorme lá na frente. [No fundo, gradualmente, os cantos entoados pelas mulheres indígenas durante a referida Marcha ora sobrepõem-se a fala de Artionka ora servem como pano de fundo desta fala]. E aí a ocupação é ficar lá, mas não ficar lá aleatoriamente né, e aí as pessoas ficaram fazendo rituais no pátio. E enquanto isso tinha um carro de som do lado de fora, né, na frente do pátio, com as mulheres discursando, e discursando de maneira forte, e chamando a secretária, a secretária de Saúde Indígena, que é a Silvia Wajãpi, que é uma indígena, pra descer lá e falar com elas. Porque a questão é que a SESAI queria municipalizar a Saúde Indígena, o que é um desastre, que vai causar mortes, assim, numa quantidade absurda! E os indígenas sabem disso, as indígenas sabem disso. Aí bom, em um dado momento tão lá as mulheres discursando no carro de som, e no pátio tinha uma fileira encostada na parede de policiais, e na frente do carro de som, várias viaturas de policiais, tava tudo cercado. Eu fiquei pensando assim: “Meu Deus, vai ter bomba, né.” E aí uma determinada hora uma mulher do Xingu chamada Watatakalu Yawalapiti começou a organizar as mulheres Xinguanas, né, elas começaram a se paramentar, colocar os cocares que elas dizem, são os homens que usam cocar, mas nessa situação nós podemos, né, nós usamos também, elas se paramentaram e foram em direção a essa fileira de homens, policiais encostados na parede [Música indígena começa baixo e vai crescendo durante parte deste trecho da fala de Artionka] ... e começaram a... era uma fileira de mulheres na frente de uma fileira de homens, e começaram a dançar em direção a eles né, com um passo ritmado pra frente assim, e cantando né. Era ao mesmo tempo, era forte, mas não era agressivo, dava pra ver isso. E uma determinada hora, é... a Watatakalu pegou e começou a discursar na frente da fileira, discursar com força, assim, era, é aquele discurso Xinguanos que a gente já viu várias vezes. E aí ela falou, falou... “E o que aconteceu?”, uma hora o comandante falou: “Vamos embora!”. E tirou todos os policiais. Aquilo foi tão impressionante porque ela... as únicas armas que elas usaram foram o corpo delas e a palavra, né. Isso... eu já vinha elaborando isso, refletindo sobre isso, mas eu nunca tinha visto, né. E vê dá outra dimensão, assim. Eu já tinha visto vídeos, já tinha visto imagens, mas ver ao vivo, né... e eu tava ali no meio filmando com um monte de gente filmando, fotografando aquela cena que era para reverberar mesmo. “Como é possível lutar tendo como armas apenas o corpo e a palavra, né?”. Foi isso, essa foi, para mim, a coisa mais impactante que eu vi, e tão bonito, ao mesmo tempo aquelas mulheres lindas, né... com os colares, as pulseiras, os cocares, e uma força, e, ao mesmo tempo, uma placidez. Porque elas não são agressivas, não são.

Durante a transição para o bloco do Miolo, ouve-se cantos indígenas como se estas mulheres estivessem a realizar um ritual durante a Marcha das Mulheres Indígenas. O ritmo dá a entender que estão em um círculo reverenciando ancestrais e deidades:

BLOCO 2: Mulheres indígenas na Marcha, na Universidade

Daniela: Elas conseguiram conter com o corpo e com a voz um aparato repressor que tinha sido montado ali pra desmontar toda a mobilização que elas tinham construído. E aí, ali, essa narrativa me emocionou muito, porque, acho que a Artionka percebeu o quanto aquilo foi potente né, ela contou o quanto aquilo conseguiu né, desmobilizar todo um aparato muito patriarcal, masculino, violento, policialesco que é a lógica da guerra, branca, que é a nossa lógica de guerra, a lógica que nos oprime né... a lógica que nos faz sucumbir ao Estado, sucumbir a leis com as quais a gente discorda né... e é um aparato de repressão.

Soraya: E aí teve um momento em que vocês duas estavam juntas né... na Marcha. Como é que foi isso?

Patrícia: Sim, a gente tava conversando... (risos)

Artionka: A gente se encontrou porque é muita gente né, e eu saí numa parte, e ela, a Patrícia, saiu em outra, só que aí cê vai andando pela Marcha e aí se encontra, e encontra com as pessoas conhecidas. Isso aconteceu com mais de uma pessoa comigo, né, e uma delas foi com a Patrícia. E aí a gente foi durante um tempo conversando um pouco sobre o trabalho, e isso foi uma coisa interessante, porque a gente é... marca reuniões aqui na Unicamp pra falar do trabalho e muitas vezes não dá certo, a gente não consegue se reunir e não consegue ser tão, tão forte e tão produtivo como foi ali, a gente decidiu várias coisas né Patrícia?! Então, “quando a gente voltar eu vou me planejar e vou fazer um relatório da Marcha...” essa foi uma das tarefas que a gente foi elaborando juntas. E, ao mesmo tempo, naquele momento, a Patrícia me contou um pouco da vida dela, foi interessante isso, que eu não sabia que ela vem de uma família de pessoas que são envolvidas no movimento indígena, né.

Soraya: Que que você ficou sabendo da Artionka nessa conversa que vocês tiveram? Coisas que você não sabia dela?

Patrícia: (risos) Primeiro que... Ah! A professora é muito ocupada né... mas a gente acaba conversando bastante como ela própria falou. Humm... na meia conversa... era uma caminhada, mas a gente foi conversando né... eu senti como se fosse indo com minha mãe o caminho da roça né, a gente ia andando com minha mãe, mas a gente acabava que parecia que a gente tinha mais conversa ali do que muitas vezes quando eu tava em casa. Então, querendo ou não a Unicamp acaba sendo uma segunda casa também, né? Ela, apesar de ser uma formadora, antropóloga também, mas também é um ser humano, entendeu?! Porque muitas vezes a gente acaba distinguindo muito o professor né? O professor é “lá” não sei o quê... a gente não pode! Então, a gente construiu uma troca ali bem comunicativa mesmo não de aluna e professora, mas de pessoa mesmo que tá ali no Movimento e conversando ali as questões que acontecem tanto dentro de uma Comunidade, fora de uma Comunidade que a gente sabe que tem pessoas que não são indígenas e que são envolvidas nessas causas, então, acabei descobrindo isso dela.

Soraya: Muito bacana isso! É... tem uma dimensão forte, né, de estar fazendo pesquisa juntas ali, naquele momento, porque embora vocês estivessem vinculadas ao Movimento Indígena de diferentes maneiras, um compromisso político de vocês duas, mas vocês também tinham escolhido a Marcha como espaço de fazer pesquisa, né, vocês estavam *em campo*... e se descobrindo pessoa-pessoa.

Artionka: [pensativa] É ... foi isso assim. É engraçado como se mistura, né, porque eu fui com um duplo objetivo, um fazer pesquisa, e outro participar. E a Patrícia a mesma coisa né... e não tem muito como separar [risos da Patrícia no fundo]. Então, a sensação que eu tive na nossa conversa, lá na Marcha, foi que foi uma espécie de *epifania*, a gente conseguiu achar, ali, uma direção que não foge tanto ao tema da proposta do Projeto, mas que se encaixa muito melhor no perfil de pesquisadora da Patrícia.

Soraya: Patrícia, você nos contou que além do acampamento onde as mulheres ficaram hospedadas, além da Marcha lá na Esplanada dos Ministérios, aconteceram também as rodas de conversa. E você esteve à frente de uma dessas rodas, justamente, como aluna da Unicamp. O que aquelas moças indígenas queriam saber de você?

Patrícia: Principalmente, se as pessoas ainda tinham um olhar meio discriminoso com as mulheres porque tinham as moças que nunca saíram de suas aldeias ou comunidades indígenas. Então, elas já acharam difícil delas estarem em Brasília por se tratar de que tem várias organizações lá, né? (Pensativa) Tem o... praticamente o Brasil fica lá, né? Mas também, ao mesmo tempo, o contexto que São Paulo já tem né... de ser uma metrópole urbanizada e de também ter esse contexto que não tem muitos indígenas também. E a gente acaba conversando que tem, sim, indígenas só que ainda há muito a se fazer, né? Não somente na Universidade, mas também fora dela. Então, elas perguntavam muito se a gente podia praticar nossos rituais, se as pessoas não viam isso como uma coisa meio que *folclórica* também ao mesmo tempo.

Daniela: E o que que você respondeu?

Patrícia: Bom, que eu pratico minha cultura da minha forma, né, mas, assim, eu acho que ainda falta... é... não estrutura do *campus*, mas sim uma estrutura emocional pra gente mesmo. Pra gente parar de se estigmatizar também um pouco, né. De dizer que eu não posso fazer isso porque o *outro* vai olhar estranho, de dizer que: “Ah, eu não vou praticar isso porque o cara ali vai me perguntar o porquê eu tô fazendo isso”. Então, querendo ou não, a temática da professora Artionka, ela também acaba quebrando essas barreiras. Quando eu falo: “Ah, mas tem professores que estudam isso”, mas a gente também tenta reverter essas situações, assim, que não é uma questão só política, mas também uma questão social também.

Daniela: Você sente que tem algum, ainda, preconceito com relação às (aos) estudantes indígenas na Unicamp? Tem algum caso pra contar sobre isso?

Patrícia: Humm... a gente viu vários casos que ocorriam por funcionários, e também de alunos quando eles iam pra uma *happy*, festa, que eles falavam muito de que: “Por que você como *índio* tá fazendo aqui? Seu lugar não é aqui, seu lugar é dentro de uma floresta, seu lugar não é aqui.” Então, a gente acaba ouvindo coisas que acabam impactando também para outras pessoas que vierem no futuro.

Daniela: Você pode contar um pouco como que foi a sua chegada em Campinas? Sua vinda pra cá?

Patrícia: De várias emoções, eu posso dizer, né? A gente teve a rede de estudantes que cada um acabou tendo o seu veterano né, de curso. Então, eles acabaram ajudando a gente tanto na locomoção como ficar hospedado durante um determinado tempo até sair as bolsas, e também sair uma hospedagem na moradia. Então, tem toda essa trajetória também. E a Universidade em si, eu acho, que ela ganha também, ganha bastante.

Daniela: E você, Artionka, como foi a sua chegada à Unicamp?

Artionka: (pensativa) É... eu escolhi Ciências Sociais desde o começo... E é... no terceiro ano, eu era a única que ia fazer ciências sociais. Todo mundo ia fazer ou engenharia ou medicina, alguns poucos, computação, porque naquela época não era ainda um curso forte, mas todo mundo achava estranho, né, pessoa tão decidida em fazer Ciências Sociais. E a minha decisão tinha a ver com a minha trajetória, minha trajetória de vida, que era ainda pouquinho naquela época, né? E que agora eu percebi que se liga com a trajetória da Patrícia porque ela também vem de uma família de militantes políticos... e era isso. A minha família é de militantes políticos, né, então tinha isso, tinha a imagem que me chamou, me atraiu pra ir pra essa área, era a do Betinho, né, que na época movia uma grande campanha contra a fome no Brasil.

Essa é uma campanha do “Fome zero”, que foi veiculada exaustivamente na televisão aberta nos anos 1990. O primeiro som é de um prato de alumínio caindo e batendo no chão. Percebe-se que está vazio. A imagem é sucedida pela de Betinho, que fala: “O Brasil foi produzindo ao longo da história, a riqueza e a miséria, mas nós nos acostumamos com ela. Nós nos acostumamos com a pobreza como se ela fosse um fato absolutamente natural”. O vídeo da campanha continua, mas aqui é interrompido para se voltar ao episódio do Mundaréu.

Artionka: E era uma pessoa muito conhecida pela minha família, bom, então, tinha várias elementos, ao mesmo tempo, juntos. Bom, e aí quando eu entrei no curso... eu que entrei com essa veia militante, eu fiquei um pouco decepcionada porque eu achava, eu, eu, queria aquele curso como instrumento pra minha militância, e tinha muita teoria, e aquilo me apavorou, né. Eu falei: “Meu Deus, por que eu preciso ler tanto? Eu só vou ler nessa vida?”. Eu tinha essas ideias assim. E aí eu lutei contra o curso durante três anos, eu fiz outro vestibular, fiz pra psicologia. Aí foi ótimo porque eu entendi que não era aquilo que eu queria, que eu queria Ciências Sociais mesmo, e eu comecei a entender como a teoria é importante como instrumento também, né. Como eu tava falando, a antropologia, ela tem uma função prática que a gente não enxerga de imediato, mas quando a gente trabalha e tenta entender outros modos de vida a gente também tá dizendo pra... *pros* nossos, *pros* não-indígenas que é... é preciso espaço pra... *pros* outros modos de vida, porque eles... não só porque eles têm direito a essa existência, mas, porque conhecimento do outro também pode ajudar. Como a Patrícia tava falando, a gente tá numa discussão em que a Ciência tá dizendo: “Olha, o Planeta não está resistindo!”. E os indígenas, os povos indígenas, vêm dizendo isso há um tempo. Não podemos esgotar os recursos naturais porque senão o céu vai cair sobre a Terra. E o Planeta vai desaparecer, não o Planeta, os humanos, e os não-humanos que habitam nele, né.

[Um dos lemas da Marcha das Mulheres Indígenas desse ano é evocado em tom de jogral ao som de cantos indígenas no fundo: “Território, nosso corpo, nosso espírito”].

Artionka: Então, quando eu percebi isso, aí eu fui me encantando pela, pela etnologia indígena, né, por conhecer mundos diferentes. Então, foi um pouco isso, é... foi assim que eu consegui ir para a antropologia de um jeito *errático*, né, dando umas cabeçadas, mas foi isso que me levou pra antropologia, né.

Daniela: Artionka nos contou como foi assustador ter que ler monografias inteiras de etnologia durante a graduação. Eram textos de centenas de páginas, mas apresentaram para ela o universo indígena, e isso foi muito importante. Tanto que ela decidiu continuar estudando antropologia.

Artionka: E aí disso veio minha vontade de fazer um mestrado. Não é assim tão linear, parece muito linear, mas é uma construção *a posteriori*, né, de ir fazer uma pesquisa com uma população indígena. E eu sempre tive a ideia de que eu tinha que dar um retorno para o Amapá,

que é a terra dos meus pais, né, e onde eu morei, eu vivi uma boa parte da minha adolescência lá, né, dos... mais ou menos dos onze aos dezessete, dezesseis, né. Então, eu já sabia aonde, né, no Amapá.

Soraya: Ela foi fazer pesquisa com o povo Palikur que vive nessa fronteira do Brasil com a Guiana, no extremo norte do estado do Amapá. O Prof. Robin Wright era seu orientador, e a Profa. Lux Vidal, que trabalhava justamente nessa região do Oiapoque, sua co-orientadora.

Artionka: E aí a primeira vez que eu fui pra campo ela me levou, né, isso foi muito especial porque você chegar num lugar que você não conhece ninguém, ninguém te conhece, né, e só que você não chega sozinho, você chega acompanhado, né. E acompanhada por alguém que já tinha mais de vinte anos de pesquisa. Então, a [Professora] Lux foi isso assim, quando eu chego em campo com ela, ela vai um pouco me ensinando como pegar uma criança pequenininha e guiando, né, nos primeiros passos, como lidar com as pessoas, tem todo um, e um *olhar* sobre aquele universo. Porque eu fui pra lá pra fazer pesquisa, eu já tinha definido, eu queria entender por que os Palikur se converteram à religião evangélica, pentecostal, esse era meu objetivo, né. Então, eu ia, eu participava de todos os cultos, então, a Lux falava assim pra mim: “Olha, tudo bem, seu tema é esse, mas você tem que olhar *pros* lados, você não pode ficar só nisso.” Então, ela me fez registrar, eu que tava carregando a câmera, registrar vários elementos da cultura material, né, vários artefatos, olhar, prestar atenção nos grafismos, ela me fez registrar mitos, né, e isso foi tão importante, isso foi muito determinante para maneira como depois eu fui compreender o processo de conversão.

Daniela: Ouvindo nossas duas entrevistadas, ficamos pensando como elas têm, de certa forma, uma trajetória inversa: a Artionka sai da Universidade para conhecer comunidades, aldeias indígenas, e estudar com essas pessoas. E a Patrícia vem da comunidade indígena pra Universidade pra estudar outras coisas. Você tá também no conselho representativo aqui da Unicamp como representante dos estudantes que é o CONSU, né? Pode falar um pouquinho dessa experiência?

Patrícia: Uma experiência inédita né, tipo, “primeiro ano já chega causando”, o pessoal fala muito isso (risos). Tipo, “já chega causando”. Mas é o primeiro ano, eu falo *pro* pessoal que é uma porta se abrindo, né. Eu conversei bastante as meninas de quem seria, mas ninguém quis ir pra frente, então, tomei essa responsabilidade sem saber de nada, falei: “vou lá”. Então, as pessoas ficaram meio que se perguntando como que uma pessoa que entra no primeiro ano já tem essa força também né, ao mesmo tempo. Principalmente, quando se trata de mulheres, independente, se é indígena ou não, as pessoas acabam se perguntando muito.

Soraya: O que é CONSU na Unicamp? E qual a importância de ter uma aluna indígena com assento nesse conselho?

Artionka: É... o CONSU é o Conselho Universitário né, ele é o lugar onde as decisões são tomadas. Cada instituto tem uma representação lá, é, por categoria docente e estudantil, né. E... Por exemplo, foi lá que foi aprovada a proposta do vestibular indígena, né. O reitor só pode executar qualquer ato se o CONSU deliberar e aprovar. E qual que é a importância? Eu acho assim, tem uma coisa que, sabe, representatividade é tudo, né. Eu posso falar que há uma diversidade indígena, eu posso falar sobre como essa diversidade indígena se apresenta no país, mas se tiver uma Patrícia falando, o efeito é diferente, né. Se a Patrícia vai lá no CONSU e fala que está tendo, tendo problema de preconceito, discriminação, ela está corporificando essa demanda né, e ao mesmo tempo, vocalizando. Ela tem autoridade pra isso, ela tem legitimidade. E ela, aquele corpo docente, discente, que tá vendo a demanda dela, é, ele vai perceber essa

demanda com muito mais clareza do que se um não-indígena vai lá e fala. É diferente... Representatividade!

Soraya: Ou se o antropólogo e a antropóloga vão lá e falam...

Artionka: Exato, exato. A gente é, eu vejo cada vez mais no crescimento do Movimento Indígena, os antropólogos, linguistas, indigenistas, que sempre levaram o Movimento adiante junto com os indígenas, mas, agora, nós somos cada vez mais parceiros, né. A gente tem um lugar, né, de parceiros. Não sou eu que tenho que levar a mensagem a frente. Eu vou com meu conhecimento ajudando, né, com as minhas pesquisas ajudando, dando subsídios para que as lideranças indígenas levem a frente. Mas é uma troca, porque eu não dou subsídios aleatoriamente. Na verdade, eu interpreto, eu leio aquilo que as lideranças indígenas falam, e retransmito numa outra linguagem, numa linguagem mais da minha área para outros agentes. E assim a gente vai, um pouco de braços dados se apoiando, mas cada um tem seu papel, e eu acho que não tem substituto para uma representação política que venha das mulheres, das mulheres negras, das mulheres indígenas, das lideranças dos homens indígenas. Cada um tem que estar lá, pra ter seu espaço. Eu não sei se vocês sabem, mas a Patrícia tá indo pra Índia amanhã.

Patrícia: (risos) Viagem longa.

Soraya: E o que você vai fazer na Índia?

Patrícia: Vou pra uma conferência. Questões políticas também, ambiental, um pouco. Falar um pouquinho da experiência do vestibular indígena, mas também, principalmente, dos movimentos indígenas que o pessoal pautou e tá me pautando muito para eu falar. É... principalmente, da Marcha das Mulheres também que o pessoal quer saber bastante. E, o movimento em si, como que ela se projeta, como que ela se dá nesse Governo, como que a gente encara isso dentro de uma Universidade e fora da universidade também. Então, encaro como responsabilidade.

MIOLO (dessa vez, excepcionalmente, no final do episódio)

Um canto indígena forte, assemelha-se a uma reza, dura uns 30 segundos.

Daniela: Eu achei muito forte o depoimento da Artionka com relação a Marcha das Mulheres Indígenas. Achei que ela teve um jeito muito bom de contar, de descrever o evento, que é uma coisa que a gente vem falando desde o primeiro episódio, como parte do trabalho antropológico, um trabalho também de descrição do mundo [Outros cantos da Marcha das Mulheres Indígenas sobrepõem-se à fala de Daniela], da vida, das coisas, das pessoas, né. [Soraya: dos corpos] dos corpos, das lutas né, das cenas. Acho que a descrição de cenas, né. E ela fez isso muito bem ali com a situação da Marcha das Mulheres, eu me senti entrando na Marcha com ela, né. E fiquei muito emocionada também pela potência de um conjunto de mulheres mobilizadas em defesa da sobrevivência delas, das suas comunidades e do Planeta, né. Tem a coisa da cena da Marcha que já fala um pouco como fazer o trabalho de campo juntos, e eu acho que o que junta também um pouco são essas experiências cruzadas de trânsito, né.

Soraya: Eu só queria complementar isso que você falou Dani, de a importância de algumas pessoas na nossa trajetória. É muito bacana a gente se atentar pra isso. *Pras* pessoas que de fato vão nos abrindo portas, nos dando um livro pra ler, nos chamando atenção para um edital que tem bolsas, nos fazendo convite para ir a *campo* junto, enfim, são essas coisas que nos formam

mesmo na antropologia. Acho que tem antropólogos e professores que acreditam num ritual iniciático mais radical, assim, de que cada pesquisadora enfrenta seus próprios fantasmas no campo e é com isso que se aprende né, um certo ritual sacrificial de alguma forma. É possível, é legítimo, é comum né. A gente tem muitos relatos anedóticos, geralmente, ficam no mundo do anedótico, que contam dessas experiências sacrificiais de muito sofrimento. E aí claro que isso caminha, pra um, eu acho, né, numa formação de um certo antropólogo herói assim, “eu consegui passar por todos esses sofrimentos e eis que eu virei um antropólogo”. Tudo bem, é um caminho. Mas, eu também acho que esse caminho que a professora Lux, e agora que a professora Artionka reproduz, um caminho possível também, né. Eu acho que esse é um episódio bastante forte sobre Ensino, sobre parceria de sala de aula, parceria no espaço de pesquisa entre docentes e discentes, né, acho que a gente não tinha ainda um episódio sobre isso.

Daniela: É, mas eu acho que ele reverbera temas dos outros episódios, por exemplo, com a questão do engajamento, do engajamento do antropólogo com certas questões que se torna muito mais radical e evidente no presente contexto, quando você tem toda, quase que toda espectro de interlocutores da antropologia sendo tensionado na sua existência, ameaçado na sua sobrevivência, né. Então, acho que é muito difícil, se alguém espera né, da antropologia que recuse o lugar de ciência, porque o lugar de ciência é um lugar que supostamente tem que ser neutro e, não politicamente situado, acho que se alguém espera isso da antropologia é bom desistir, porque, de fato, não existe um lugar de conhecimento neutro, principalmente, quando você é... faz pesquisas prolongadas com comunidades, e se insere né, de uma forma cotidiana nos seus, nas suas redes, nos seus grupos.

Soraya: Quando a Artionka reflete sobre a trajetória dela. Ela, hoje, tem muita clareza hoje em dia do papel dela como antropóloga. E o que me reforça também de que trabalhando numa Universidade, e sendo professora de um departamento, pode parecer um perfil tão convencional, mas é a partir desse lugar também que ela consegue colocar em prática esse papel que ela desenhou pra ela mesma enquanto antropóloga. Que é a de colocar ideias no mundo pra que sejam captadas por lideranças indígenas dos movimentos indígenas, e sejam utilizadas a favor desses movimentos. Ela vai lançando essas ideias, seja na forma de livro, artigo, palestra, *podcast* agora, ela vai lançando as ideias dela a partir das pesquisas dela. E isso vai sendo captado pelo mundo né, é bonita essa imagem. Então é muito claro pra mim o quanto é claro pra ela o papel que ela se coloca como antropóloga hoje em dia né. E eu acho que o Mundaréu também nasce disso, de uma tentativa de somar os esforços de tradução da antropologia, do que a gente faz, e pra quê que a gente faz e possibilidades de uso dessa área.

Daniela: Uma coisa que vai numa outra direção que eu achei também que foi muito legal de ver, nesse caso específico da Patrícia e da Artionka, é que as duas vieram de famílias de militantes, e as duas têm esse direcionamento pra Universidade como um acúmulo dessa experiência também né, de ter tido pai e mãe que lutam né, que lutam pelo direito de existir, no caso da Patrícia, ou pelos direitos indígenas né, no caso dos pais da Artionka né, pelos direitos sociais, enfim. Então acho que essa trajetória de filho de militante, e de buscar na Universidade uma forma de realizar uma outra, um deslocamento no mundo né, é muito bonito de ver que tem uma sinergia ali nas duas trajetórias.

Soraya: Acho que tenciona muito com a história mesmo da antropologia, que é uma antropóloga, como a Artionka, ter um projeto de pesquisa que ela faz junto com os alunos indígenas. Então, isso pra quem não conhece a antropologia tem que ser reforçado, que isso é uma grande, uma grande mudança, né.

Daniela: Ah, isso é, *pro* Brasil, é revolucionário né. Acho que já, outras nações, tiveram experiências de incorporar os povos originários em seus departamentos e tentar acolher né, perspectivas não euro-centradas. Mas, a Antropologia é uma disciplina muito euramericana,

muito norte centrada, muito herdeira de um colonialismo né, com muitas questões lindas sobre o humano, sobre a vida, mas muito pouco tensionadas por essas outras cosmologias. E eu fiquei muito esperançosa de ver assim o quanto a resistência feminista indígena pode nos ensinar também a construir outras formas de política e resistência, que não passem pela violência, pela guerra, mas que passem pela reivindicação dos direitos e pela transformação do sistema na direção, da valorização da vida, da valorização de relações harmônicas né, entre as pessoas e o mundo, e entre os diferentes grupos humanos que habitam o mundo. Ali me deu uma esperança assim, e essa esperança também se reforça na presença e na atuação da Patrícia, na Universidade e fora né, porque é ver que apesar de tudo que tá acontecendo, de todas as dificuldades que a gente tá enfrentando nas lutas né, que tem a ver com povos indígenas, que tem a ver com antropologia, que tem a ver com direitos humanos básicos e fundamentais que estão sendo tensionados, existe uma força de resistência jovem que tá entendendo o tamanho do problema, que tá se mobilizando, que tá indo na direção de transformação que não seja violenta né, como é a força de opressão e de repressão né.

FECHAMENTO

A música de fechamento, de Danú e Tatá, “Quem Canta”, é retomada, de modo alegre, um sambinha, que permanece ao fundo de todo esse bloco de Fechamento. Há um trecho cantado:

Pega uma ponte, uma ponta, uma pauta, uma balsa, uma valsa

Vá descalça

Pro quintal lá de casa

Pega uma ideia, bolei, odisseia, quimera, uma teia

Uma veia quem dera

Se não fosse precisão

Essa folia

Se não fosse mansidão

Essa alegria

Muito mais um coco

Muito mais um pouco

O batuque lá na toca

Queria muito mais um pouco

Muito mais um coco

O batuque lá na toca

Daniela: Esse episódio ficou um pouquinho diferente dos anteriores. A gente ouviu as histórias de Patrícia e Artionka, intercalou com músicas e cânticos da Marcha das Mulheres Indígenas e deixou esses nossos comentários reunidos ao final. A gente tentou também experimentar uma fala mais espontânea, nossa, menos roteirizada, mais improvisada, talvez, mas atendendo aquilo que nossos ouvintes nos sugeriram. Aos poucos, a gente vai tentando se soltar aqui nesse Mundaréu de histórias...

Soraya: Por fim, a gente agradece muito pela participação de nossas duas convidadas, Artionka e a Patrícia. E também à Rádio da Unicamp, ao LABJOR, ao podcast *37 graus*, ao CNPq, ao Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp, à Pró-Reitoria de Extensão Comunitária da Unicamp e ao Programa de Iniciação Científica da UnB. O Mundaréu é produzido por nós, Soraya e Daniela, com apoio direto de Vinicius Fonseca e Julia Couto, nossos estudantes de iniciação científica, Milena Peres e Camila Pissolito.

Daniela: Para conhecer mais do trabalho de Artionka Capiberibe e Daniela Patrícia Villegas Barbosa, e sobre as músicas tão bonitas que embalaram esse episódio, consultem os materiais extras em nossa página e no tocador. mundareu.labjor.unicamp.br. Até mais!

Soraya: Tchau! Até o próximo episódio.

EXPEDIENTE

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer.

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Julia Couto e Vinicius Fonseca.

Gravação: Octávio Augusto (Rádio da Unicamp/SP) e Danny Dee (Estúdio Rastro/RJ)

Transcrição das entrevistas: Julia Couto.

Montagem e edição do roteiro: Soraya Fleischer e Daniela Manica.

Montagem e edição do episódio: Vinicius Fonseca e Daniela Manica.

Edição final do episódio: Daniela Manica.

Autorizações para as músicas: Lucas Linardi Carrasco e Soraya Fleischer.

Divulgação: Milena Peres e Julia Couto.

Transcrição e audiodescrição do episódio 5: Rosânia do Nascimento

Agradecimentos: Elisa Mendes e Maria Lutterbach, Cristian Wari’u, Letícia Leite, Henyo Barreto Trindade Filho, Aline Rochedo da Editora Pachamama.

MATERIAIS EXTRAS

- Currículo Lattes da Artionka Capiberibe. Disponível no link: <http://lattes.cnpq.br/5082852533809945>
- Novo livro organizado por Artionka Capiberibe e Camila Loureiro Dias: Os índios na constituição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2019: <https://www.atelie.com.br/livro/indios-na-constituicao-os/>
- Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) – Vestibular Indígena: <http://www2.comvest.unicamp.br/vestibular-indigena-2020/>
- Rede Wayuri – Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro: <https://foirn.org.br/rede-de-comunicadores-indigenas-do-rio-negro/>
- Podcast “Copiô, Parente?” (<https://soundcloud.com/socioambiental/sets/copio-parente>), boletim de áudio semanal com notícias de Brasília para os povos indígenas e povos da floresta do Instituto Socioambiental- ISA (socioambiental.org/pt-br)
- Corpoterritório, de Elisa Mendes e Maria Lutterbach: <https://www.youtube.com/watch?v=EYM-bWEK1MY>
- Primeira Marcha de Mulheres Indígenas, de Cristian Wari’u: <https://www.youtube.com/watch?v=TQoILcWM2sl>
- Episódio “#2anos de Copiô e duas boas notícias” do “Copiô, Parente?”: <https://soundcloud.com/socioambiental/2anos-de-copio-e-duas-boas-noticias>
- Betinho – Campanha Contra a Fome no Brasil: https://www.youtube.com/watch?v=h6_Y1bHkvi8

- “Quem canta”, canção de Tatá e Danú, uma dupla de cantoras de Brasília que embala sempre o Mundaréu! <http://www.oleve.com.br/quem-canta/>